



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

DISPOSITIVO: uma ferramenta conceitual para a problematização de práticas e discursos educacionais

Wesley Fernando de Andrade HILÁRIO (UFGD/REE-MS)¹
Rosemeire de Lourdes Monteiro ZILIANI (UFGD)²

RESUMO: Este artigo trata do conceito de dispositivo e explora a sua potência para a problematização de práticas e discursos educacionais a partir de resultados de teses em educação que o empregaram como ferramenta conceitual de análise. Na primeira seção, tematiza a emergência da noção de dispositivo na obra de Michel Foucault e sua posterior ampliação feita por Gilles Deleuze. Na segunda seção, apresenta um levantamento intencional de pesquisas cujas problematizações explicitaram os diferentes dispositivos em funcionamento na sociedade brasileira, no campo da educação, que têm concorrido nos processos de subjetivação e no governo dos sujeitos. Esse conjunto de produções acadêmica sinaliza que há uma constelação de coisas ditas e feitas que objetivam as pessoas e as posicionam socialmente de diversas maneiras, e que o uso do conceito em foco é pertinente para se pensar e questionar o que se tem feito efetivamente no campo educacional.

Palavras-chave: Dispositivo. Práticas de escolarização. Subjetivação.

1 Introdução

O objetivo deste texto consiste em explicitar o conceito de *dispositivo* elaborado por Michel Foucault e ampliado por Gilles Deleuze e sua pertinência para a problematização de práticas inscritas no campo educacional. Trata-se de uma discussão feita em uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGEdu/UFGD), cujo objetivo é problematizar como a interface entre escolarização média e trabalho tem operado como um dispositivo de governo dos jovens em Mato Grosso do Sul, ou ainda, como essa relação foi historicamente constituída em práticas e discursos nesse Estado, atuando nos processos de subjetivação juvenil.

¹Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. Bolsista CAPES. Professor efetivo da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, na Escola Estadual Vereador Moacir Djalma Barros (weehillario@hotmail.com)

²Doutora em Educação. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. (rosemeireziliani@ufgd.edu.br)



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

As duas seções do texto, além desta Introdução e das Considerações Finais, foram assim organizadas: na primeira, apresentamos a definição de *dispositivo*, recorrendo aos escritos de Michel Foucault e de Gilles Deleuze; na segunda seção, a título de um movimento analítico do conceito, apresentamos produções em forma de teses que recorreram ao conceito para problematizar questões educacionais.

2 “O que é um dispositivo?”

O conceito de dispositivo aparece apenas em alguns ditos e escritos de Foucault. Surge, primeiro, de relance, em *Vigiar e Punir*, obra na qual traçou uma genealogia das formas de punição no Ocidente (FOUCAULT, 2014). Mas foi mesmo em *História da Sexualidade: a vontade de saber* que o termo teve destaque. Conforme Foucault (2017), a partir do século XVII, a sexualidade foi produzida como objeto de intervenção por parte do Estado, que aparelhou instituições como a igreja e a família para regular suas formas de expressão. Tal controle não se deu por meio de um poder repressivo, pois, ao invés de o sexo ter sido interdito, proibido, ele foi incitado, posto em discurso. Para isso, o Estado utilizou “tecnologias” que se articularam e se generalizaram pelo tecido social, produzindo verdades em torno de uma expressão sexual moralmente aceita e biologicamente correta. A medicalização das práticas sexuais, o controle da infância, a quantificação das populações e a confissão foram algumas delas. Portanto, um conjunto de práticas, de coisas ditas e feitas, conjugaram-se com a finalidade de controlar os corpos dissidentes – ou em potência de sê-los – e inúteis ao esquema de sociedade capitalista que emergia naquele momento, também pautada na moral cristã que se fortalecia cada vez mais. Urgência de um momento, portanto: isto é o que foi a “invenção” da sexualidade. A sexualidade, enquanto expressão dos corpos, formas de se relacionar com o Outro, e não o sexo por ele mesmo, respondeu a uma urgência política da burguesia, de sua necessidade de afirmação que a levou a instituir os corpos dos indivíduos como elemento de cuidado. Afinal, conforme Foucault (2017, p. 119), sua supremacia, além de depender da exploração econômica, requeria uma dominação física, porquanto “uma das formas primordiais da consciência de classe é a afirmação do corpo” e, por isso, a burguesia “converteu o sangue azul dos nobres em um

Realização Apoio





VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

organismo são e uma sexualidade sadia”, classificando todo tipo de sexualidade para além da sua (heterossexual e monogâmica) no campo da anormalidade.

Elementos díspares – as coisas ditas, os silêncios, as normas, as formas de conhecimentos socialmente aceitos, as instituições, os agentes refletidos em figuras como o médico, entre outros elementos aparentemente “pequenos” – constituíram o *dispositivo da sexualidade*, ou ainda, foram eles que levaram a sexualidade a funcionar, segundo Foucault (2017), como um dispositivo, cumprindo uma função historicamente determinada e funcionando como tecnologia disciplinar. Função que, em todo caso, é o governo dos indivíduos. Assim, pode-se afirmar que em cada momento ela se faz por um conjunto de coisas, de práticas, relaciona-se a outros dispositivos para funcionar tal qual sua função que nem sempre é tão óbvia. No caso do *dispositivo da sexualidade*, para emergir e funcionar a partir do século XVII, apoiou-se mutuamente num outro, no *dispositivo de aliança*, cujo objetivo foi administrar as relações matrimoniais segundo as regras do regime capitalista que se organizava, aspecto do qual se pode afirmar que os dispositivos funcionam em relação, sustentando-se em redes de saber-poder, multiplicando-se, modificando-se.

Frente a essas problematizações em torno da sexualidade, Foucault (1979) definiu *dispositivo* como a rede que conjuga elementos diversos, que, segundo uma dinâmica de poder, busca responder a uma “urgência” histórica e geograficamente delimitada. Por meio de técnicas e instrumentos, o dispositivo, seja ele qual for, independentemente de sua finalidade estratégica, busca conduzir as condutas dos indivíduos para que suas forma de ser e de agir sejam (auto)reguladas. O dispositivo é, enfim, uma trama específica de domínios do saber e de modalidades de exercício do poder, que se modificam para atingir um desígnio... objetivar. Porém, não se pode desconsiderar que a configuração de um dispositivo inclui também espaços de liberdade nos quais os sujeitos podem resistir àquilo que lhes interpela; movimento que acaba por recompor num fluxo interminável os elementos do dispositivo.

Foi por reconhecer a importância do termo conceitual em foco que Gilles Deleuze se dedicou a explicitar a sua potência. Porém, Foucault mesmo, ainda em ocasião anterior, reconheceu que foi das elaborações filosóficas desse seu interlocutor que pôde pensar na noção de dispositivo (PELLEJERO, 2010). Anos mais tarde, Deleuze (1996) ampliou tal noção a partir de um texto cujo título deu-se



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

em forma de interrogação: *O que é um dispositivo?* Para ele, dispositivos, máquinas de produção de subjetividades históricas, são compostos por *linhas* de distintas naturezas: *linhas de enunciação, linhas de visibilidade, linhas de força e linhas de subjetivação*. Por não serem homogêneas, agem em desigualdade nos dispositivos. É como se estivessem sempre em constante luta para se afirmarem, para sobressaírem-se umas em relação às outras. Se não há poder sem resistência, e esta não existe se não for confrontada por aquele, as linhas que enredam um dispositivo também não têm simetria. Enunciação, visibilidade, força e subjetivação estão, nesse sentido, em um mesmo campo de batalha, concorrendo ao mesmo tempo para se afirmarem continuamente na produção de sujeitos/subjetividades.

3 “Pertencemos a dispositivos e neles agimos”

Pertencemos a dispositivos e neles agimos. À novidade de um dispositivo em relação aos que o precedem chamamos actualidade do dispositivo. O novo é o actual. O actual não é o que somos, mas aquilo em que nos vamos tornando, aquilo que somos em devir, quer dizer, o Outro, o nosso devir-outro. (DELEUZE, 1996, p. 4).

A citação acima reflete a afirmação de Deleuze (1996) de que nossas ações são moldadas pelos dispositivos nos quais estamos inseridos; dispositivos que fazem parte do tempo histórico no qual vivemos, de um espaço geográfico específico, daí porque a eles pertencemos e neles agimos. Não há, ao que parece, a possibilidade de se situar “por fora” dos dispositivos, pois eles se espraiam por todos os espaços e tempos articuladamente, capturando-nos por meio de práticas mais ou menos naturalizadas, tornando difícil – mas não impossível – a sua suspeição ou a resistência a tais práticas. O que dizemos e fazemos é, nesse sentido, determinado por “regras” dos próprios dispositivos, as quais se estabelecem por intermédio de relações de saber-poder, englobando um conjunto heterogêneo de práticas.

Frente à constatação de que as sociedades se constituem por dispositivos, produzindo modos de governo das populações, de suas maneiras de ser e agir, somos levados a entender que as coisas do mundo funcionam como tal. A escolarização, a sexualidade, o trabalho, a infância, a juventude. Também a escrita, as estatísticas, a ciência, as identidades. Cada um desses temas se constitui como





VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

um dispositivo, pois acionam práticas discursivas e não discursivas que levam os indivíduos a serem e agirem em relação aos objetos que lhes são correlatos.

Apenas para ilustrar o alcance do dispositivo na educação, relacionamos algumas teses de doutorado em que essa noção conceitual foi utilizada. Tratam-se de pesquisas nas quais foram exploradas distintas temáticas do campo e que nos fazem voltar à afirmação de Deleuze (1996) de que as práticas sociais, discursivas e não discursivas, se inscrevem em dispositivos. Além disso, essas produções nos possibilitam afirmar que prática de escolarização, seja qual for o nível de ensino, também se faz por dispositivos variados, posicionando os indivíduos (envolvidos direta ou indiretamente nesse processo) em formas particulares de sujeitos. Afinal, é esta mesma a função dos dispositivos: conduzir as condutas das pessoas, fazê-las se considerarem, posicioná-las em relações de saber-poder constituintes do presente.

Quadro 1 – Alguns usos do conceito de dispositivo em teses na área de Educação

| Autor(a) | Título | Instituição | Ano | Dispositivo focalizado |
|---|---|-------------|------|------------------------------------|
| BOCASANTA, Daiane Martins. | Dispositivo da tecnocientificidade: a iniciação científica ao alcance de todos | UNISINOS | 2013 | Dispositivo da tecnocientificidade |
| FAVACHO, Márcio Picanço. | O recolhimento dos meninos: por uma genealogia da ordem pedagógica brasileira | USP | 2008 | Dispositivo do recolhimento |
| HORN, Graciela Bernardi. | O dispositivo moralitúrgico em uma escola pública brasileira | UFRGS | 2021 | Dispositivo moralitúrgico |
| LAVERGNE, Rémi Fernand. | A vontade de incluir: regime de verdade, recomposição das práticas e estratégias de apropriação a partir de um dispositivo de inclusão escolar em Fortaleza | UFC | 2009 | Dispositivo de inclusão escolar |
| SANTAIANA, Rochele da Silva | Educação Integral no Brasil: a emergência do dispositivo de intersetorialidade | UFRGS | 2015 | Dispositivo de intersetorialidade |
| FILHO, Miguel Gomes. | O cuidado de si: práticas de liberdades nos processos de subjetivações | UFMS | 2015 | Dispositivo da sexualidade |
| SILVA, Adélia Mara Pasta da. | A constituição do sujeito escrevente no dispositivo do ensino: uma leitura sobre a governamentalização da escrita escolar | USP | 2011 | Dispositivo de ensino da escrita |
| SPERRHAKE, Renata. | O dispositivo da numeramentalidade e as práticas avaliativas: uma análise da "Avaliação Nacional da Alfabetização" | UFRGS | 2016 | Dispositivo da numeramentalidade |
| ZILIANI, Rosemeire de Lourdes Monteiro. | Centro de Educação Rural de Aquidauana/MS: Artes em profissionalizar (1974-2001) | UFMS | 2009 | Dispositivo de escolarização |

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

Vejamos, a seguir, no que consiste os diferentes dispositivos perscrutados nas teses elencadas e de que maneira tais produções nos permitem visualizar a constelação de práticas em curso nos processos de subjetivação pela educação.

Filho (2015) analisou práticas discursivas que historicamente constituíram verdades sobre a homossexualidade e as relações daquelas produzidos por homossexuais professores, a fim de verificar os modos pelos quais eles se constituem sujeitos de desejo. Tais práticas inscrevem-se no *dispositivo da sexualidade*, cuja emergência data do século XVIII, mas ainda assim permanece em nosso tempo, atualizando-se, frente a certas “urgências”. Segundo o autor, o dispositivo focalizado interpela docentes entrevistados na pesquisa a assumirem suas identidades sexuais pautando-se em saberes médicos, psi, científicos. Porém, há resistências a tais práticas objetivadoras, que, no caso dos sujeitos participantes da pesquisa, ocorrem, por exemplo, a partir da aceitação de sua homossexualidade e reconhecimento de distintas práticas de afetos para além daquelas normalizadas. Mesmo sendo às vezes – inevitavelmente – capturados pelas práticas constituintes do dispositivo da sexualidade, os sujeitos garantam a si uma vida potente e única.

O *dispositivo da tecnocientificidade* está na ordem pedagógica da formação básica e seu objetivo, a partir das linhas que o compõem, é formar sujeitos que desde a tenra idade, ainda no Ensino Fundamental, se voltem à prática da Iniciação Científica. Como Bocasanta (2013) observa, há nisto um deslocamento, pois se antes a prática de pesquisa científica estava circunscrita ao ensino superior, cada vez mais ela se aproxima à educação básica, visando a inserir o maior número possível de indivíduos nas carreiras tecnocientíficas. A atualidade desse dispositivo leva não somente os estudantes a serem capturados como “crianças curiosas”, mas também os professores, os quais, segundo o regime discursivo dessa prática, são produzidos como “orientadores de aprendizagem”. Se todo dispositivo busca responder a alguma urgência, a resposta do *dispositivo da tecnocientificidade* é à necessidade de se promover o progresso econômico e social da nação brasileira a partir da inserção da tríade ciência-tecnologia-inovação na educação das crianças.

Estatísticas, classificações, quantificações, diferenciações entre outros modos de mobilizar os números em relatórios institucionais e/ou governamentais fazem parte do que Sperrhake (2016) denomina de *dispositivo da numeramentalidade*, cujo



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

objetivo estratégico é compor tipos sujeitos segundo categorias que importam a determinadas configurações de saber-poder. No caso da Avaliação Nacional da Alfabetização, prática avaliativa analisada pela autora, tal dispositivo age sobre a população infantil que aprende (ou não) a ler e escrever, produz um risco e mobiliza condutas e estratégias para modificá-la. Ou seja, quando inscritas num sistema que as classifica como analfabetas, por exemplo, as crianças a quem tal avaliação se destina se tornam alvos de ações do Estado que visam transformá-las em alfabetizadas, pois, sob àquela rubrica, constituem-se como potenciais “perigos” à nação. Ademais, não apenas as crianças são mobilizadas nessa tarefa, mas também docentes e instituições, mediante táticas e estratégias que são partes constituintes de todo e qualquer dispositivo em funcionamento na sociedade.

Santaiana (2016) elaborou o conceito de *dispositivo da intersetorialidade* para tratar da emergência da Educação Integral no Brasil e seus efeitos de subjetivação possibilitados pela demanda contemporânea da inclusão e do investimento em capital humano. Os elementos que desde o início do século XX animam esse modelo de educação (discursos, leis, ações pedagógicas) são tratadas pela autora, cuja conclusão é a de que, para além da ampliação do tempo de jornada escolar, outras áreas (como saúde, assistência social e cultura) e as práticas que lhes são inerentes se articulam a fim de potencializar os sujeitos participantes do Programa Mais Educação, não apenas quanto a aquisição de conhecimentos escolares, mas também no que se refere a obtenção de certas atitudes, como as de prevenção dos riscos para viver mais e melhor e a aptidão de aprender por toda a vida – características pertinentes ao modo de vida neoliberal que marca nosso tempo.

As técnicas que caracterizam o *dispositivo moralitúrgico* são evidenciadas e analisadas por Horn (2021). Trata-se de um dispositivo que atravessa grande parte das instituições escolares públicas do Brasil impondo às pessoas envolvidas no cotidiano escolar valores morais do cristianismo, posicionando-os como sujeitos cuja identidade espelhe ações e enunciações dessa vertente religiosa. Na escola pública pesquisada, as técnicas são explícitas: crucifixos e imagens fixadas nas paredes, orações e cânticos entoados em momentos marcados na rotina, lições e práticas curriculares, exibição de filmes, enfim, uma profusão de coisas ditas e feitas que concorrem para a moralização dos comportamentos segundo a liturgia cristã. Como



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

observa a autora, tamanha é a potência de subjetivação do *dispositivo moralitúrgico* na escola perscrutada, que resta limitado espaço de liberdade para os indivíduos que não se identificam com as práticas que lhes são imputadas no cotidiano.

Favacho (2008) retoma escritos jesuíticos para explicitar as motivações da prática de escolarização de crianças indígenas brasileiras ainda na primeira metade do século XV. Segundo o autor afirma, os jesuítas, ao chegarem ao Brasil, frente à necessidade de dominar o povo segundo a doutrina católica, imputou-lhe um modo de vida outro, banindo a sua forma de ser primária – para eles, imoral ou, no limite, “animal” e “demoníaca”. Como antídoto, se lhes deu a escolarização obrigatória, por meio da qual se efetivou a moralização de seus comportamentos. Tratava-se, então, nesse momento, da emergência do *dispositivo de recolhimento*, que se constituiu pelo enlace entre coisas ditas e feitas acerca da necessidade de levar as crianças à escola para moldar a sua alma, as suas condutas, e civilizá-las. Desse dispositivo, Favacho (2008) conclui, restam alguns resquícios, pois ele foi sobreposto por um outro que, em nosso tempo, talvez faça mais sentido: o dispositivo de escolarização.

Justamente na tese de Ziliani (2009), enxergamos as linhas do *dispositivo de escolarização* compondo uma instituição que ofertou cursos profissionalizantes em Aquidauana-MS, entre os anos de 1977 a 2001. Segundo a autora, esse dispositivo se constituiu de forma particular em local e tempo delimitados apoiando-se na necessidade de mão de obra especializada colocada pelas condições econômicas locais e nacionais, mas também foi motivado por relações de poder e jogos de força no campo político local e nacional. Para funcionar, contou com o apoio de elementos diversos e práticas difusas, como a arquitetura institucional, a organização curricular pautada em saberes específicos, sobretudo a profissionalização de cunho agrotécnico, além do acoplamento a outro dispositivo, no caso, o *dispositivo de construção identitária de Mato Grosso do Sul*, cuja emergência deu-se próximo à criação da instituição, buscando incutir nos sujeitos escolares uma “identidade sul-mato-grossense”. Enfim, dispositivos que se complementaram e se sustentaram.

Ainda em se tratando das práticas efetivadas no interior de instituições escolares, Lavergne (2009) trata de como professores de uma escola pública de Fortaleza-CE são levados a manifestarem a necessidade de incluir crianças em dificuldade ou com deficiência, porquanto, na atualidade, recebem os influxos do que



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

a autora chama de *dispositivo de inclusão escolar*. Os elementos que englobam tal dispositivo são múltiplos e seu sentido disciplinar levam os professores a adotarem como conduta a formação contínua, pois reconhecem tal imperativo como uma verdade; prática que sustenta a inclusão referenda como necessidade. Esse jogo de relações estabelecidas no processo formativo dos professores que se veem cada vez mais incitados a se atualizarem, a se formarem continuamente, acaba subjetivando-os distintamente, pois o modo como interpretam as interpelações sociais são distintas e, por efeito, como se constituem no processo também o é.

Silva (2011), ao analisar projetos de ensino de escrita inspirados pelas noções de gêneros do discurso, apreende efeitos dessa abordagem nas concepções de escrita e na constituição dos sujeitos que escrevem. Em jogo está o que a autora denomina de *dispositivo de ensino da escrita*, cuja lógica é a ordem da capacitação de uma população, buscando nela desenvolver competências e de habilidades para que a mesma tenha acesso ao mundo letrado, conferindo-lhes alguma autonomia social. O dispositivo perscrutado congrega elementos que, ao levar os indivíduos a escreverem segundo uma lógica determinada, reduzem a amplitude dos sentidos da linguagem a prescrições de cunho escolarizante e limitam a esfera de experimentação dos sujeitos em nome de uma escrita confinada a finalidades comunicativas supostamente precisas à sociedade do tempo de seu funcionamento.

Olhando para esse conjunto de produções, ressaltamos os usos pertinentes do conceito de *dispositivo* para tratar de distintos problemas acerca da educação brasileira em momentos e espaços diferentes. Problemas históricos, é verdade, mas que se atualizam, fazendo os dispositivos dos quais são correlatos também se movimentarem, a se atualizarem, permanecendo, pois, como questão atual. A partir de uma leitura prévia das teses relacionadas, vemos que as problematizações que apresentam acabam convergindo em uma mesma direção, que é a de diagnosticar as práticas que constituem os processos de subjetivação em jogo na educação, ou ainda, de forma mais elaborada, explicitar os modos pelos quais os indivíduos são transformados em tipos de sujeitos por meio de práticas discursivas e não discursivas – pois o dispositivo é isto mesmo: a relação entre elementos variados, irregulares, por vezes aparentemente desconexos, cujo objetivo é capturar as pessoas em posições específicas, em variadas dimensões da vida humana.



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

Há uma aparente relação entre os dispositivos ativos em nosso tempo; relação que precisa ser descrita pacientemente. Como denotado nas teses relacionadas, tarefa mais ou menos comum entre elas é a descrição detalhada entre os elementos dos dispositivos. Práticas discursivas e não discursivas, por mais simples, comuns, “inofensivas” que possam parecer, entram em cena quando se trata de problematizar os dispositivos em funcionamento na sociedade, sobretudo no campo da educação, compondo subjetividades e tipos

4 Considerações Finais

O conceito de dispositivo, oriundo das teorizações de Michel Foucault, e ampliado em escritos de um de seus interlocutores, o também filósofo francês Gilles Deleuze, mostra-se produtivo para as análises de práticas sociais atreladas ao governo dos indivíduos. Ele nos leva a perscrutar e a entender os meios pelos quais nos tornamos quem somos. Tais meios são as próprias “linhas” constituintes dos dispositivos – *linhas de enunciação, linhas de visibilidade, linhas de força e linhas de subjetivação*. Nesse sentido, quando se trata de fazer uma análise de um dispositivo, sua cartografia, seja ele qual for, é importante voltar-se às múltiplas práticas e estabelecer relações entre elas. As coisas que se diz e que se faz, as táticas e estratégias mobilizadas, os tipos de sujeitos compostos em tais relações são o foco de análise desse tipo, a qual deve buscar sempre ser refinada, detalhada.

Conforme a reflexão feita neste texto, um dispositivo é composto por elementos que se alternam, servindo a um ou mais dispositivos. A constituição de um dispositivo é, nesse sentido, estratégica, modular, cambiável. Uma lei, por exemplo, pode ter um propósito na configuração de um certo dispositivo, mas, em outro dispositivo, a mesma lei pode possuir outra importância ou finalidade. Analisar a inscrição desses elementos variados é parte da análise objetivada. Ademais, a utilização desse conceito, na perspectiva teórica referenciada, revela-se fulcral para a problematização das práticas em educação que, a priori, parecem inerentes a essa prática, e, justamente por sua “naturalidade”, sua “obviedade”, devem ser colocadas em suspenso e questionadas. Trata-se, enfim, de uma ferramenta conceitual importante para pesquisas que se voltem à análise dos modos de subjetivação.



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

Com vistas a continuar as reflexões tecidas neste artigo, é pertinente registrar a importância de se efetivar um levantamento mais sistematizado de produções acadêmicas – artigos, teses e dissertações –, na área de educação, em que o conceito de dispositivo foi utilizado, de modo que se possa explicitar o funcionamento de distintos dispositivos na sociedade e no campo educacional, de modo específico. Também vale sugerir a elaboração de um texto em que se focalize a relação entre Ensino Médio e trabalho como um dispositivo, buscando elencar seus elementos heterogêneos, seu funcionamento local, as táticas e estratégias que o constituem, as resistências empreendidas em seu interior por parte dos sujeitos. Análise que atravessa a pesquisa de doutoramento da qual se originou este artigo.

REFERÊNCIAS

BOCASANTA, Daiane Martins. **Dispositivo da tecnocientificidade**: a iniciação científica ao alcance de todos. 2013. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/11259>, Acesso em: 2 jul. 2023.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? *In*: DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Ed. Veja: Passagens. Lisboa, 1996.

FAVACHO, Márcio Picanço. **O recolhimento dos meninos**: por uma genealogia da ordem pedagógica brasileira. 2008. 221 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07102008-142332/pt-br.php>. Acesso em: 2 jul. 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FILHO, Miguel Gomes. **O cuidado de si**: práticas de liberdades nos processos de subjetivações. 2015. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2015. Disponível em: <https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/1717>. Acesso em: 2 jul. 2023.



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

HORN, Graciela Bernardi. **O dispositivo moralitúrgico em uma escola pública brasileira**. 2021. 150 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/222689?show=full>. Acesso em: 2 jul. 2023.

LAVERGNE, Rémi Fernand. **A vontade de incluir: regime de verdade, recomposição das práticas e estratégias de apropriação a partir de um dispositivo de inclusão escolar em Fortaleza**. 2009. 359 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3267>. Acesso em: 2 jul. 2023.

PELLEJERO, Eduardo. Entre dispositivos e agenciamentos: o duplo deleuziano de Foucault. **Revista Margens**, Abaetetuba, v.6, n. 7, 2010, p. 11-22. DOI: <https://doi.org/10.18542/rmi.v6i7.2807>. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/viewFile/2807/2939>. Acesso em: 2 jul. 2023.

SANTAIANA, Rochele da Silva. **Educação Integral no Brasil: a emergência do dispositivo de intersectorialidade**. 2015. 189 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131041>. Acesso em: 2 jul. 2023.

SILVA, Adélia Mara Pasta da. **A constituição do sujeito escrevente no dispositivo do ensino: uma leitura sobre a governamentalização da escrita escolar**. 2011. 154 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20012012-093539/pt-br.php>. Acesso em: 2 jul. 2023.

SPERRHAKE, Renata. **O dispositivo da numeramentalidade e as práticas avaliativas: uma análise da “avaliação nacional da alfabetização”**. 2016. 191 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/151630>. Acesso em: 2 jul. 2023.

ZILIANI, Rosemeire de Lourdes Monteiro. **Centro Rural de Aquidauana-MS: artes em profissionalizar (1974-2001)**. 2009. 320 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2009. Disponível em: <https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/770>. Acesso em: 2 jul. 2023.